

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de São Paulo Class.: 065R0137 Ingem

Data: 27/05/87 Pg.: A-44

Índios de todo o mundo vêm ao Brasil

O encontro, promovido pelo cineasta Jean-Pierre Dutilleux, será no Xingu e tem apoio de artistas e do governo

JOSÉ ARBEX
De Nova York

O Parque Nacional do Xingu será, no dia 12 de setembro, sede de uma celebração mundial de culturas indígenas. A partir de 6 de setembro, começarão a chegar ao Brasil representantes de tribos dos Estados Unidos, Equador, Peru, Colômbia, África e aborígenes da Austrália. Eles participarão, no Xingu (no centro-oeste, MT), com representantes de tribos brasileiras, de rituais sagrados, cerimônias medicinais, coleta e classificação de ervas, festas e danças. Tudo isso será filmado e os teipes serão transmitidos ao mundo inteiro, junto com atividades ao vivo, via satélite, no dia 12 daquele mês.

Ao mesmo tempo, haverá um show em benefício dos índios no Sambódromo do Rio, com a participação já confirmada de Caetano Veloso, Gilberto Gil, Egberto Gismonti, Chico Buarque de Hollanda, Paralamas do Sucesso, Milton Nascimento e outros. Atividades semelhantes serão realizadas, também ao vivo no dia 12, e transmitidas via satélite (no total, doze horas de transmissão) em Nova York, São Francisco (Califórnia, oeste dos EUA), na Austrália, Lapônia (norte da Suécia), África, e, possivelmente, China.

O projeto, que conta com o apoio do governo brasileiro e de fundações internacionais, além de artistas, técnicos e voluntários em todo o mundo, está sendo organizado pelo cineasta belga Jean-Pierre "J-P" Dutilleux, 37, diretor de "Rahony" (aqui o nome do cacique Raoni aparece grafado como no filme). Filmado no Brasil em 1977, "Rahony", narrado em sua versão inglesa por Marlon Brando, foi indicado para o Oscar de 1978. Dutilleux foi assistente de Costa-Gravas em "O Estado de Sítio", em 1972. Ele esteve no Brasil em janeiro deste ano, quando discutiu o projeto com Raoni. Virá novamente ao país no dia 4 de junho. Em entrevista exclusiva à Folha num escritório que empregaría os shows internacionais do grupo inglês Police e de Sting, situado no centro de Manhattan, Jean-Pierre faz um balanço do projeto, pela primeira vez à imprensa.

Folha - O que é exatamente este projeto?

Jean-Pierre Dutilleux - É uma celebração mundial das culturas indígenas, que eu chamo "povos do Quarto Mundo". Este encontro foi

originalmente, uma idéia do próprio Raoni. Ele me viu uma vez com algumas fotos em que eu estava junto de índios americanos e disse então que gostaria de se encontrar com estes índios.

Folha - O encontro proposto por Raoni, com índios americanos, já aconteceu.

Dutilleux - Sim, foi em janeiro deste ano. Aconteceu da seguinte forma: visitei o Brasil no começo do ano com uma bolsa da Cultural Survival, que é uma organização vinculada à Universidade de Harvard, preocupada com a sobrevivência de nações indígenas em todo o mundo. É uma organização extremamente séria e respeitada. No Brasil, conversei com o presidente da Funai, Romero Jucá Filho, e com o então ministro do Interior, Costa Couto (atual chefe da Casa Civil da Presidência). Eles me deram um apoio imediato.

Chamei então ao Brasil o índio Corvo Vermelho (Red Crow), um líder espiritual da nação Sioux, o "portador do cachimbo" desta nação. Ele veio oficialmente ao Brasil para encontrar-se com a Funai e com o ministro. O governo cedeu um avião especial para irmos ao Xingu nos encontrarmos com Raoni.

Folha - Foi então que vocês discutiram o projeto?

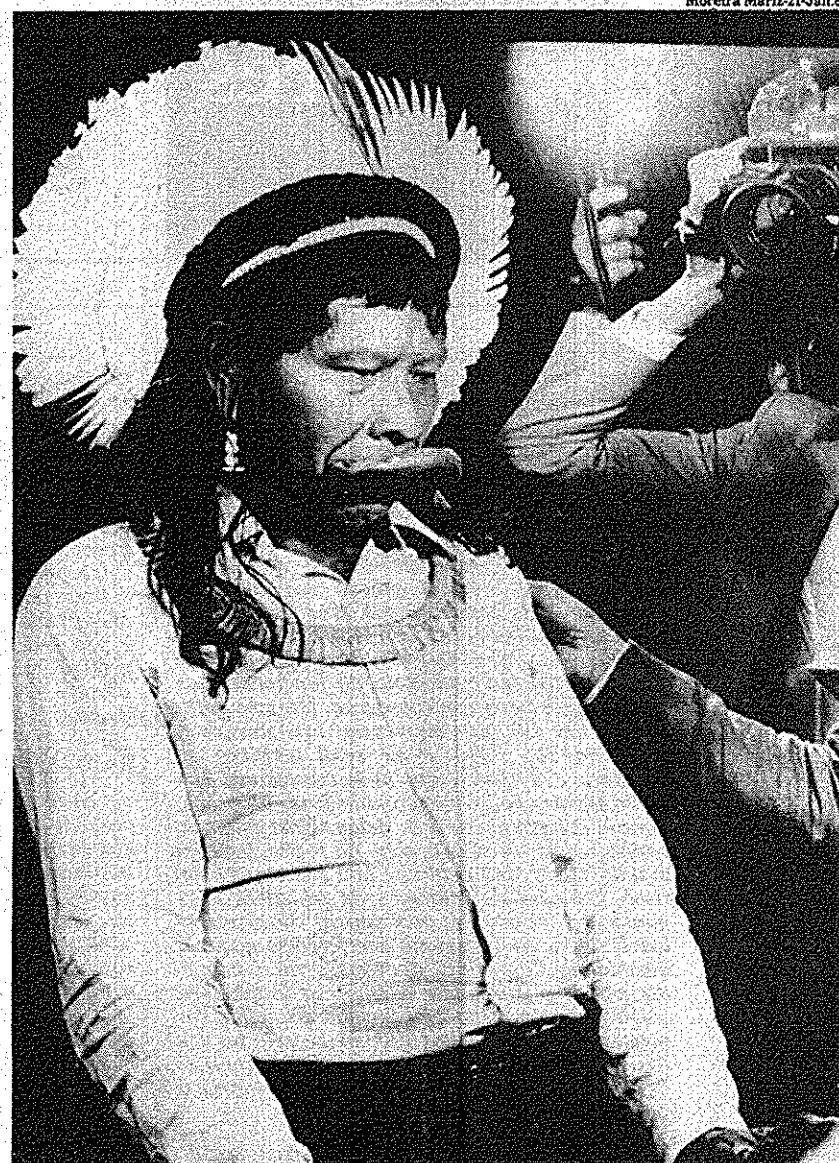
Dutilleux - Era o primeiro encontro entre índios norte-americanos e os da Amazônia. Era uma ocasião solene, histórica. Acharmos que seria viável fazer algo muito maior, um encontro mundial das nações indígenas. Resolvemos voltar a Brasília com vários caciques para tentarmos a permissão para um encontro no Xingu. Acho incrível que o Brasil acabe sendo a sede deste encontro.

Folha - Obtida a permissão, como foi acertado o show no Sambódromo?

Dutilleux - Falei sobre o projeto com o meu amigo Egberto Gismonti que me colocou em contato com o Gilberto Gil, que gostou da idéia e começou a organizar o show.

Folha - Por que foi escolhido o dia 12 de setembro?

Dutilleux - Estávamos limitados por dois problemas: em primeiro lugar, um prazo que nos permitisse realizar todos os preparativos. É um esforço gigantesco. Depois, há o problema de que em outubro começa a estação de chuvas do Xingu. Então, fizemos um estudo com a colaboração do instituto Smithsonian e con-



O cacique Raoni, do Brasil, que participou projeto de Jean-Pierre Dutilleux

cluamos que a semana antes de 12 de setembro, um sábado, era a melhor época.

Folha - Você pode descrever o que vai acontecer neste dia?

Dutilleux - Além do encontro de tribos no Xingu e do show do Sambódromo, haverá atividades tribais e shows beneficentes em várias partes do mundo. Em Dakota do Norte (oeste dos EUA), haverá um encontro de três mil representantes de todas as nações indígenas, principalmente a Sioux. Ao mesmo tempo, haverá em São Francisco um show organizado por Bill Graham e grupos ecológicos, junto com um outro show, em Nova York. No norte da Suécia, os lapões vão fazer atividades que serão retransmitidas pela TV escandinava (um acordo comum entre Suécia, Noruega, Dinamarca e Fin-

lândia). Os lapões estão sofrendo muito porque a poluição atômica liberada pelo desastre na usina de Chernobyl (em 26 de abril de 1986, na Ucrânia, União Soviética) está destruindo o equilíbrio ecológico que assegurava sua sobrevivência. Haverá também atividades dos aborígenes da Austrália e de tribos africanas. Possivelmente, haverá transmissão de eventos também a partir da China e para a China.

Folha - Como você pretende superar as dificuldades técnicas?

Dutilleux - Este é um problema central. Mas eu estou percebendo que está pintando uma energia incrível em torno deste projeto. E tem muita gente querendo ajudar. Todos os dias recebo auxílios inesperados. Outro dia, o Rick, que garantiu a transmissão por satélite do "Live Aid" em

auxílio a luta contra o "apartheid" na África do Sul, me ligou dizendo está disposto a garantir este projeto. Agora, o Rick é uma das maiores autoridades do mundo neste tipo de coisa. Pouca gente entende como ele de transmissões por satélite.

Folha - Como vocês pretendem transmitir do Xingu?

Dutilleux - O Brasil não tem o equipamento necessário para transmitir do Xingu. Na realidade, só há uma antena no mundo — de fabricação francesa — com capacidade para isso. Acontece que outras antenas que poderiam ser usadas no Brasil pesam em média nove toneladas. São gigantescas. Seria necessário um avião Hércules para transportar, mas as pistas de pouso em Goiânia e Mato Grosso são muito curtas para um Hércules.

A antena que pretendemos usar é leve, seria ideal. Mas temos aqui uma disputa com uma equipe de alpinistas que pretende escalar o Monte Everest (o mais alto do mundo, situado no Himalaia) e transmitir ao vivo a aventura. O processo é incrível. Uma pequena câmara seria acoplada ao equipamento do alpinista. Esta câmara enviaria sinais à antena, situada na base do acampamento e dali os sinais seriam mandados a um satélite. Teremos que negociar com eles o empréstimo da antena.

Folha - E quem está financiando este projeto?

Dutilleux - Há várias fundações do tipo da Cultural Survival. Outras ligadas a grupos ecológicos e de luta pela preservação de florestas tropicais, e outras, ainda, vinculadas à empresa. Não gostaria ainda de entrar em maiores detalhes, porque há muitos acordos verbais já garantidos, mas que ainda precisam ser formalizados, colocados em papel. Estas fundações vão garantir, principalmente, a viagem de representantes de índios ao Brasil (seis dos EUA, dois do Peru, dois do Equador, dois da Colômbia, dois da África e dois da Austrália).

Folha - E quem vai pagar os custos da transmissão por satélite?

Dutilleux - Trabalharemos no seguinte esquema: ofereço, por exemplo, a programação a uma rede de TV da Austrália, cedo todos os direitos a esta rede de TV. Desde que seja realizada uma atividade na Austrália, em troca, a TV transmite o programa. Serão no total doze horas de transmissão internacional. Todo o dinheiro arrecadado com shows, além disso, será revertido em benefício das nações indígenas. A fundação Cultural Survival já se ofereceu para controlar o fluxo de dinheiro com o objetivo de garantir que não haverá qualquer tipo de desvio ou de pro-

blemas. Vou viajar ao Brasil no dia 4 de junho, e espero concluir um acordo deste tipo com alguma rede de televisão.

Encontrei em, em Nova York, com gente de todo o mundo que está envolvida nas programações e estão todos animados. Já vamos, aliás, contratar os serviços de uma firma de publicidade (a mesma contratada pelo "Live Aid") para divulgar o evento.

Folha - O que significa para você, pessoalmente, este projeto?

Dutilleux - Eu sempre fui muito ajudado pelos índios, desde que fiz o meu primeiro documentário na Amazônia, em 1973. Senti que havia da parte deles uma enorme vontade de trocar sabedorias. Eles me ajudavam em tudo e inclusive me salvaram várias vezes a vida. Eu sentia, então, que não estava certo eu ir a um país, filmar os índios deste país e depois ir-me embora, sentia que não estava trocando nada deste jeito, e sentia que devia dar a eles alguma coisa em retribuição. Acho, então, que este projeto é para mim a conclusão de um trabalho, de uma fase da minha vida, dos anos mais incríveis que vivi. Em termos puramente profissionais, este projeto é desgastante. Estou afastado do cinema, afastado do mundo cinematográfico. Em termos financeiros, é um desastre.

Folha - Como você acha que acontecerá a tua contribuição aos índios?

Dutilleux - Quando fui ao Xingu pela primeira vez, em 1973, eu me lembro que voava de Goiânia e havia duas horas de florestas sob o avião. Agora, não tem mais nada, a demarcação de terras indígenas, que antes só era visível no mapa, agora é visível do avião. Terras indígenas são as que tem mato, as terras do homem branco estão devastadas. Os indígenas são os jardineiros da Amazônia. Acho que fazer filmes sobre isso, documentários, ou um evento como este, ajuda a divulgar este tipo de problema. Os índios estão sendo sufocados, aniquilados em todo o mundo pela nossa civilização. Eles têm muito a nos ensinar, e esta transmissão por satélite para todo o mundo vai mostrar isso.

Acho que assim estaremos ajudando a modificar uma atitude do homem branco em relação ao índio. Estaremos auxiliando a acabar, ou pelo menos a diminuir, o preconceito em relação às culturas indígenas. E não é só isso: trata-se de lutar pela nossa própria sobrevivência como civilização. É evidente que a destruição da floresta amazônica, por exemplo, implica em tremendas alterações no equilíbrio ecológico mundial.